

# SÍMBOLOS DA VIDA - CONTOS E NOVELAS

ANTERO MURALHA

LISBOA 1955

## JOGADOR DE PAU

Vale Paraíso é uma ridente aldeola ribatejana, como muitas espalhadas pelo nosso belo Portugal, onde reside a formosura, a poesia é cheia de graça e elevação.

Como o seu nome indica, é este recanto, quase ignoto, um autêntico paraíso, cujo Criador soube ter coprichos de fantasia, exigências de arte, primando por enlevar os olhos e a alma.

A estrada que liga a esta atraente aldeola, é toda um túnel de verdura olorante, um emaranhado caramanhel, delicioso de sombras, de frescuras apetecíveis, distando uma hora da vila de Azambuja.

Logo ao sair-se desta vila começa-se a notar ainda alguns pinheiros hirtos, espectrais, denunciadores do famigerado pinhal da Azambuja, onde antigamente, pela noite, tantos latrocínios e assassinatos se cometeram, e cuja recordação, supersticiosa, ainda hoje assusta, incutindo receios nos espíritos dos mais audazes campónios dessas redondezas.

Os viajantes sentem-se embevecidos ao lobrigarem Vale Paraíso, ainda muito ao longe, com as casinhas puramente alvacentas, muito unidas, como ninhos, muito risonhas como crianças, oferecendo-se ao sabor acariciante da contemplação.

O braço desta terrinha de fadas é o trabalho produtivo dos campos, a cujo adubo se mistura o suor daqueles que esforçadamente os amam.

Quem visita Vale Paraíso, embora fugazmente, fica guardando sempre no sacrário das recordações um pedaço de paraíso, pela harmonia que embala, pela magia que consola. E invariavelmente lá volta, e saudosamente se despede.

É nesta linda aldeola, que mora, vive e trabalha, um pobre rapaz, de estatura sólida, rosto com seus traços de lôrpa. Orfão de pais, ainda em tenra idade, lá se criou protegido pelo coração duma prima idosa que, sem filhos, o adoptou, na perspectiva de mais tarde o mandar apascentar gado.

Com a vertigem dos tempos no rodar dos anos, José Fortunato desenvolveu-se, robusteceu-se para a luta, para a amarga e espinhosa vida do campo, fazendo da enxada o ofício, da terra o sustento, da colheita o seu único tesouro.

Dotado dum diabólico espírito brincalhão, de tudo ria e troçava, sendo possuidor também dum coração bondoso, onde albergava acrisolado amor por tudo que o rodeava, por todos com quem convivia.

Como jogador de pau, era conhecido por aqueles subúrbios, tido por exímio mestre, pelejando tão sabiamente o cacete, que na última feira do Cartaxo fez correr diante de si, por mera discussão, um bando de rapazolas valentões, que se orgulhavam de ser destros na rixa, quando algum conflito se levantava.

Só a agilidade e perícia dum acrobata se podiam assemelhar, como leve imagem, a José Fortunato, saltando, dobrando-se, rodopiando, agredindo rápido, escapulindo-se ligeiro, fazendo girar o cajado em piruetas fantásticas, desbaratando, acovardando os adversários, que se acoitavam céleres, perante adversário de tal respeito.

Bastou um dia esta convincente exibição para ser credor das mais fartas amizades, sobretudo entre as cachopas da terra, que o cortejavam ao desafio, em despiques ciumentos, em atordoantes mexericos.

O pimpão do pau, longe de se envaidecer com as disputas femenis, antes aparentava modéstia, desdenhoso de tributos, continuando a rir e a motejar, como sempre.

A ambição humana, essa força invisível, mas dinâmica, é a alavanca do progresso, a estrela que a todos deslumbra para a felicidade comum.

Um ente sem ambições é, conseqüentemente, ente mórbido, incapaz para a luta, sem personalidade, nem energia voluntariosa.

Todas as qualidades fecundas, valiosas, sossobram ante a esterilidade, o depauperamento físico e intelectual.

A ambição é que fomenta a riqueza, seiva maravilhosa, sentimento edificador, que tudo constrói, e amplifica.

José Fortunato, na virilidade dos vinte e dois anos, na aurora magnífica da sua juventude, nutria ambições de, pelo menos, sair daquele marasmo, daquela mísera condição de eterno cavador, em que se estiolava e envelhecia, ambicionando ascender a vãos mais altos e mais compensadores.

Inquieto até ao desassossego, uma ideia lhe relampejara, quando deitado na enxerga, olhos fitos no infinito da esperança, com o cérebro escaldante por tanto meditar, quási se sentia asfixiado, convulsivo, como se houvera descoberto inexaurível filão cobiçado.

Mas uma mágoa íntima fez desabar, por momentos, a auspiciosa ideia tão docemente concebida. Era analfabeto, e por isso sofria agora, inocente, a algema da

ignorância, a cegueira monstruosa do espírito, para os mais elementares e simples conhecimentos.

Sentiu-se por isso derrotado na ambição mais bela, praguejando injuriosas obscenidades por não o terem mandado estudar, adquirindo embora pouca instrução. Ao menos, iluminar-lhe-ia o cérebro.

E via a sua risonha ideia tombada, caindo desfeita como as pétalas dum malmequer desfolhado, ou brinquedo que se desconjuntasse em fragmentos, maldizendo a sorte que desde o berço se comprazia em o perseguir.

Reflectindo, a calma sobreveio-lhe, e, com ela, a lucidez que tudo esclarece e abrange.

Vale Paraíso resplandecia com a claridade daquela manhã primaveril, cercado de campos viçosos, dum verdor macio, diluindo na atmosfera bálsamos perturbantes, inebriando os pássaros e os insectos, que voltejavam felizes, pipilando e zumbindo.

Já as chaminés fumegavam, o gado bulia, os carros chiavam, num claro início de vida, quando um homem bateu compassadamente a sua porta.

- Bom dia. Salve-o Deus... disseram ambos.

- Que o traz a Vale Paraíso?- inquiriu José Fortunato, curioso.

- Fazer-te uma proposta deveras vantajosa, meu rapaz, que decerto te convirá!

- Sou todo ouvidos, amigo, diga lá então!...

- A minha proposta é simples como nós! Sabes que sou sócio dum circo ambulante, que frequenta todas as terras do país e seria um bom partido para ambos, fazer-te apresentar como rei do jogo do pau, aceitando em público outros jogadores que contigo se queiram bater. Compreendes? Como sei não haver outro melhor do que tu... lembrei-me de fazer-te esta proposta, em que poderás ganhar rios de dinheiro... e sairás dessa pelintrice em que te encontras!

José Fortunato sorriu durante aquela conversa, até que apertaram efusivamente as mãos.

Estava fechado o negócio.

Sozinho, teria endoidecido de contente, se alguns vizinhos não tivessem vindo bisbilhotar o ocorrido, que logo andou de boca em boca.

José Fortunato percorreu toda a provincia com o seu número, colhendo fartos aplausos e proventos, como invencível jogador de pau.

Bastavam os anúncios alardeantes percorrerem, com a filarmónica roufenha, as ruas principais, para, antes do espectáculo começar, se esboçarem desordens e azedumes, junto dos guichés, na disputa do ansiado bilhete.

E era de admirar a algazarra, as atitudes, os esgares do público, torcido pelo entusiasmo, quando os conterrâneos... alguns fanfarrões, emproados de basófras, combinavam, juravam, apostavam em fazerem-no em postas, arvorando-se em vencedores, mas à noite, em face da prova, recolhiam-se tímidos, fugindo às vaías chocarreiras dos amigos e dos rivais.

José Fortunato, embora fortalecido por robustez de aço, tinha, durante o seu glorioso torneio, deparado com autênticos campeões, que, longe de abrandarem os impetos, se tornavam brutais, e aí de si, se a defesa se não operasse decisiva, impiedosa.

Quási nunca atacava, e quando o fazia era somente para demonstrar o valor dos seus recursos, tocando levemente o antagonista. A arte, a destreza, a finura, consistiam no magistral resguardo em que as pancadas se amorteciam, se inutilizavam.

O varapau roliço e comprido, podia ser, naquelas mãos calosas, uma arma medonha, desfechando o golpe certo, mortal.

Depressa as asas da fama o levaram à Capital, prova final, exame decisivo, em que o gume da crítica nada atenua ou perdoa, e onde o artista triunfa ou baqueia, consoante a habilidade e os méritos.

Já afeito ao público, fazendo-o delirar, recebeu com viva exaltação de prazer, com excessos de alvoroço íntimo, o contracto que assinou.

E no círculo amplo do Coliseu dos Recreios, transbordante de espectadores ruidosos, aguardava o momento de se apresentar, já enfarpelado no típico traje ribatejano, em que o barrete era como ponto de interrogação.

Nunca até ali, tinha sentido ansiedade tão forte, comoção tão intensa, frenezim tão febril, como o que estava experimentando, por se encontrar prestes a exhibir, na presença dum público mais ordeiro e mais distinto, e onde a luz, vertendo a jorros, lhe salpicava a retina de penumbras estranhas.

E fez a sua aparição, solene, entre alegre e nervoso, depois de alguém com voz carvosa ter feito a apresentação. Logo ao ensaio, primorosamente executado, dois individuos se apresentaram pressurosos para o enfrentar.

Nunca José Fortunato fora tão leve nos saltos, consciencioso nos ataques, previdente nas defesas, requintado no estilo, e antes do desafio terminado, já a plateia em massa se erguia, como que electrizada, premiando-o com calorosos aplausos.

Uma linda garota, cortando a arena, sobraçando um não menos lindo ramo de flores, foi oferecê-lo ao artista, que lhas agradeceu, beijando-a comovido. E nova ovação se repetiu, estrondosamente.

Foi longa a sua permanência em Lisboa, devido ao sucesso do número e êxito de bilheteira, aparecendo então, como sempre, o inevitável cortejo de importunos, que a toda a hora procuravam no hotel, ora com dádivas de admiração, ora com pedidos exigentes, ora com entrevistas maçadoras... e nas ruas, à sua passagem, o pasmo e contemplação eram exagerados.

Ele era o homem do dia, o tema obrigatório das conversações, o grande acontecimento da época.

Cumprira-se a sua aspiração máxima, fortuna com que subiu a escada da glória.